

CURSO – FARMÁCIA-BIOQUÍMICA/USP


Deborah Chan Khoe

“Escolhi Farmácia porque sempre vai ter demanda.”

Deborah Chan Khoe entrou em 2013 em Farmácia-Bioquímica na USP e está no último ano da graduação. Durante o curso, fez Iniciação Científica, intercâmbio na Universidade do Porto, em Portugal, e estágios. Planeja um MBA com ênfase em gestão e pretende desenvolver sua carreira na indústria farmacêutica. Ela vê Farmácia como uma profissão mais estável.

JC – Como foi a escolha de carreira, até se decidir por Farmácia?

Deborah – Eu decidi por Farmácia no 3º ano, aqui no Etapa. Antes eu não conhecia muito essa carreira e estava entre Medicina e Odontologia. Fui pelas matérias de que gostava mais. Eu gostava muito de Biologia e principalmente de Química. Tive bons professores de Química; isso me incentivou. Só que eu não queria Química pura. Farmácia é Bioquímica, tinha tudo que eu gostava. Vi também que era uma área de atuação ampla, muito variada, incluindo hospitais e indústria.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Na Unicamp prestei para Farmácia e na Unifesp para Medicina. Pelo Enem passei em Engenharia de Produção na UFSCar.

Como conheceu o Etapa e quando veio estudar aqui?

A filha de uma amiga da minha mãe estudava aqui. Entrei no 1º ano do Ensino Médio.

Como foi seu início no colégio?

Em questão de estudo eu não tive tanta dificuldade. Foi rápida a adaptação.

No 3º ano, uma vez que você se decidiu por Farmácia, mudou alguma coisa no seu método de estudo?

Desde o 1º ano eu fui descobrindo o jeito como estudar melhor. Achando o melhor jeito para mim. Eu tentava focar nas matérias em que tinha mais dificuldade. Claro que dava importância para Química, Biologia e Física, matérias prioritárias de Farmácia. Eu tinha mais dificuldade em Física, então focava mais.

Aqui no Etapa você fez alguma atividade extracurricular?

Jogava vôlei, às vezes.

Você pensou na possibilidade de não passar direto?

Sim. Eu tinha muita segurança, mas sempre passa aquele medo. Se não fosse aprovada estaria tudo bem. Um ano não ia ser o fim do mundo. Também tinha muitos amigos que falavam que o cursinho lhes fez bem.

Na USP, você se adaptou fácil?

A universidade é muito diferente. Você não tem uma apostila, não tem um portal para acompanhar. É muito mais você tomar a iniciativa, buscar, pesquisar, procurar o professor. Com certeza tive que aprender como era aquele novo ambiente.

ENTREVISTA

Carreira – Farmácia-Bioquímica

1
ARTIGO

Teatro grego

5
PARA PENSAR

Stonehenge

8
CONTO

Lisetta – Antônio de Alcântara Machado

4
TESTE SEU VOCABULÁRIO
7
(ENTRE PARÊNTESES)

Você também se salvaria?

8

Que matérias você teve em cada ano?

A grade curricular mudou bastante, mas quando entrei as matérias iniciais eram básicas, bem pouco de Farmácia. Tinha Cálculo, Estatística. No primeiro semestre, já entrava a parte de Química – Química Orgânica, Química Geral. No segundo semestre, vinha Bioquímica mais Química. No 3º ano, começamos a ter matérias no ICB, o Instituto de Ciências Biomédicas. A gente chama de integradinho. Integradinho de Fisiologia, Anatomia e as cinco áreas de Histologia. É um currículo muito bom, em que as matérias ficam abertas. Você tem aulas do sistema fisiológico e ao mesmo tempo as de Anatomia.

No 4º ano, como foi?

No 4º ano, começam as matérias do “integradinho integrado”. São três matérias conjuntas que conversam entre si: Química Farmacêutica, Farmacologia e Fisiopatologia. São por módulos. Por exemplo, no módulo de medicamento inflamatório a gente vê a perspectiva de Química Farmacêutica, que é a estrutura química, ao mesmo tempo em que vê a Fisiopatologia, que é a doença, como ocorre a inflamação. Em Farmacologia, como o medicamento vai agir no doente.

Na faculdade, além das aulas, de que atividades você participou?

No 1º ano, procurei focar mais no curso mesmo. No fim do 1º ano, entrei no time de vôlei da Farmácia. Fiquei um ano. No final do 2º ano, comecei a fazer Iniciação Científica. Fiquei por três meses no laboratório. Era legal ter contato com método de pesquisa, com professor. Auxiliava uma doutoranda na pesquisa dela sobre medicamentos com alvo terapêutico para tuberculose.

O que é alvo terapêutico?

É a possibilidade de o mecanismo de um medicamento atuar em uma doença. Eles descobrem uma bactéria que tem um canal na célula que pode ser atacado e planejam o medicamento tendo como alvo atingir aquela célula.

Qual é a importância da Iniciação Científica?

Foi uma experiência boa porque realmente você tem que ter contato com a pesquisa. É o momento básico, o início da profissão da Farmácia. Mas no final dos três meses eu descobri que não era exatamente aquilo que eu queria para mim.

Depois você teve mais alguma atividade?

Sim. No 3º ano eu comecei a fazer um estágio na farmácia do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas. Fiquei sete meses. Entrei em janeiro e saí em julho de 2015. A coordenadora me colocou para conhecer a farmácia inteira, desde logística, lidar com fornecedores, dispensação, que é o ato de entregar o medicamento e orientar.

Entregar o medicamento ao paciente?

Eu fiquei na parte de enfermagem. Entregava para as enfermeiras. Mas tem a parte do ambulatório, aí é paciente. Fiquei ainda um tempo na Farmácia Clínica, que é uma área

muito legal no Hospital das Clínicas. A farmacêutica revê as prescrições médicas e avalia a interação medicamentosa, se realmente um medicamento está adequado para aquele paciente. Também fiz um pouco de manipulação no laboratório. Como é pediátrico, as doses têm que ser fracionadas.

E depois veio o intercâmbio. Quando foi?

De janeiro a julho eu fiz esse estágio. Do meio de 2015 até o meio de 2016 fiquei na faculdade mesmo e em julho de 2016, início do segundo semestre, foquei no intercâmbio. Fui em setembro para a Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, em Portugal. Fiquei seis meses e voltei em fevereiro de 2017.

Como conseguiu o intercâmbio?

Fiz pela USP, que tem vários convênios de parceria com universidades de outros países. A Universidade do Porto é uma delas. Saiu um edital e eu tentei. Cabe a você procurar toda a documentação, fazer contato com a universidade de lá. Correr atrás.

Você teve bolsa da USP?

Tive.

Que matérias você estudou em Portugal?

A bolsa para a qual eu concorri me deixava livre para escolher. Lá tem uma estrutura de curso mais prático do que na USP. Eles incentivam bastante a parte prática. Então eu procurei matérias que achava interessantes e me dessem a visão de um país diferente. Uma matéria que fiz foi Saúde Pública. Foi bem legal conhecer o sistema de saúde pública de Portugal. Fiz uma matéria de *marketing* farmacêutico. Achei superinteressante a exposição da matéria, eles traziam gente de fora, de indústrias, de vários setores. Fiz Toxicologia, a única matéria que tinha laboratório.

As matérias que você fez contaram como crédito na USP?

Não é garantido ter equivalência de crédito. Mas eu consegui os créditos.

Em termos de experiência cultural e de vida, como foi ficar seis meses na Europa?

Acaba sendo um desafio, eu amadureci muito e fiquei mais organizada. Ninguém está lá para cobrar você em nada. Em termos de pessoas também foi muito bom, conheci pessoas de outros países e fiz amizades. Porto é uma cidade que recebe muitos estudantes internacionais.

Você conseguiu viajar pela Europa?

Sim. Fui para a Holanda, Bélgica, Itália e viajei por Portugal mesmo.

Como foi o retorno à USP?

Em 2016 eu fiz o primeiro semestre na Farmácia, fui para Portugal em setembro e voltei em fevereiro de 2017, tendo de esperar até agosto para fazer o segundo semestre. Como quebrou um pouco a minha grade e eu não tinha matérias obrigatórias para fazer naquele semestre, fiquei

fazendo optativas até retomar as minhas matérias obrigatórias no segundo semestre.

A readaptação foi tranquila ou você teve dificuldades?

Acho que uma das maiores dificuldades é que com a interrupção do curso na USP você acaba mudando de turma. Comecei a ter aulas sem as pessoas a que eu estava acostumada. Mas eu tinha poucas matérias, então foi um processo mais gradual. Eu planejei meu intercâmbio para depois de fazer as matérias que exigiam mais atenção, porque tinha o receio de ao voltar não conseguir retomar o ritmo.

Depois do intercâmbio você voltou a fazer estágio em São Paulo?

Sim. Logo que voltei, em fevereiro, eu me apliquei para programas de estágios em indústria farmacêutica. Em julho, comecei a estagiar na AstraZeneca, onde estou até hoje.

Quais são as especialidades dessa indústria?

Tem três frentes mais fortes: parte respiratória, cardiometabólica e oncológica.

Em que área você trabalha lá?

Digo que a minha trajetória foi a do medicamento. Desde a concepção, então no laboratório, aí pulei para a outra ponta, para o paciente. Agora estou voltando um pouco para a produção do medicamento na indústria. Atualmente estou na área de garantia de qualidade, *compliance*. Basicamente, o que faço é garantir que os procedimentos estão sendo cumpridos para que os medicamentos tenham qualidade, saiam íntegros. Antes disso, na fabricação do medicamento, que todos os processos tenham sido feitos com correção. E aí, dentro da área, avaliamos as reclamações técnicas de pacientes, que nos são passadas pelo SAC. Vamos investigar, verificar tecnicamente o que aconteceu. Se há procedência, quais são as medidas corretivas.

Como está o mercado de trabalho para o pessoal de Farmácia-Bioquímica?

A crise acaba afetando, mas, pelo que vejo, menos que em outros setores. Um dos motivos por que escolhi Farmácia foi esse, sempre vai ter demanda. Ninguém abre mão da saúde quando é questão da família. Acaba sendo uma profissão mais estável.

Os seus amigos que se formaram ou estão se formando trabalham em quais áreas?

Dos que conheço, a maioria vai para a indústria. Mesmo dentro da indústria tem áreas totalmente diferentes. Eu fico na área mais de produção, mas tem a parte comercial, vendas, *marketing*, pesquisa clínica, que é a parte de ensaios, quando o medicamento está em fase de aprovação.

Essa parte inclui também a regulamentação na Anvisa?

Sim, inclui a parte regulatória, cuidar dos registros do medicamento. Terminamos, *ok*, vamos mandar para a Anvisa para ela aprovar. Tem todos os trâmites de documentação.

Quando escolheu o curso de Farmácia você pensou que estaria trabalhando em indústria?

Quando escolhi, imaginava sim. Eu gosto muito de gestão e me via na indústria.

Como você se imagina no futuro?

Acredito que vou investir minha carreira na indústria, é a área que eu quero seguir. Tenho alguns colegas que foram para a área de hospital. Uma das possibilidades depois que você se forma é fazer residência farmacêutica.

A residência farmacêutica tem processo de seleção?

Sim. Como se fosse residência médica. Quem é residente farmacêutico, no final acaba realmente capacitado para trabalhar na Farmácia Clínica. No estágio que eu fiz são todos farmacêuticos que fizeram residência e eles têm um conhecimento profundo dos medicamentos e da parte clínica.

Você pretende fazer pós-graduação, um MBA?

Sim. Hoje em dia é necessário, eu acho. E como gosto de gestão, vou fazer mais nessa área. Meu chefe, por exemplo, fez pós em gestão farmacêutica. Muitos cursos estão surgindo para a área.

Alguma matéria do Ensino Médio no Etapa se mostrou mais importante na faculdade, no intercâmbio, nos estágios?

Português foi uma matéria importante, porque me colocou uma coisa que eu gosto muito de fazer, que é ler, escrever. Importante para me desenvolver. Gosto muito de línguas estrangeiras. Atualmente faço mandarim.

Que lembranças você tem da sua época no colégio?

Acho que as minhas boas recordações são das pessoas mesmo. Fiz muitos bons amigos. Apesar de ser um grande colégio, com muita gente, você acaba por conhecer as pessoas e fazer boas amizades.

Que dicas você pode dar a quem ainda está em dúvida sobre a carreira?

Seria muito legal conversar com pessoas da área. Eu tinha alguns conhecidos que fizeram Farmácia e durante a minha pesquisa conversei com eles. Todas as minhas dúvidas sobre o que fazer depois, minhas possibilidades, eu chequei tudo. As pessoas estão abertas a falar de sua profissão.